



**EMPODERAMENTO SOCIAL FEMININO**

Alda dias Ferreira<sup>1</sup>  
Francicleia Almeida da Siva<sup>2</sup>  
Valdivan Leonardo dos Santos<sup>3</sup>

**RESUMO**

O termo empoderamento e sua gama de entendimento estão sendo cada vez mais públicas na sociedade contemporânea entre os mais diversos âmbitos, seja na Escola de liderança para meninas ou em movimentos sociais, a palavra está presente e reverbera de maneira diferente em cada espaço. Anterior a este aspecto, Há 210 anos, em 12 de outubro de 1810, nascia em Papari, no Rio Grande do Norte, Nísia Floresta, a primeira educadora feminista do Brasil. Nísia Floresta foi a pioneira do feminismo, ela fundou o Colégio Augusto, na mesma Rua do Paço Imperial, a Rua Direita, centro da Capital Federal. A Instituição de Ensino fundada por Nísia propunha uma pedagogia diversificada voltada para meninas. Este marco histórico foi essencial para disseminação do vocábulo entre os movimentos sociais, a nível mundial, porém não se limitou a estes. A questão do empoderamento passou a ser determinada em ambientes como a mídia e o próprio projeto escola de liderança para meninas. Conclui-se, então, que transformações sociais realmente profundas poderão acontecer se feministas coletivistas se apoiarem e arriscarem por seus direitos, assim com Nísia Floresta tomou iniciativa pelo direito a educação

**PALAVRAS CHAVE** Empoderamento. Escola liderança para meninas. Alterações sociais. Educação. Feminismo coletivo. Direito

**ABSTRAT**

The term 'empowerment' and its range of understanding are being increasingly public in contemporary society among the most diverse spheres: whether in the School of Leadership for Girls or in social movements, the word is present and reverberates in a different way in each space. Prior to this aspect, 210 years ago, on October 12, 1810, Nísia Floresta, the first feminist educator in Brazil, was born in Papari, in Rio Grande do Norte. Nísia Floresta was the pioneer of feminism, she founded Colégio Augusto, on the same Rua do Paço Imperial, Rua Direita, the center of the Federal Capital. The Educational Institution founded by Nísia proposed a different pedagogy aimed at girls. This historic landmark was essential for the dissemination of the word among social movements, worldwide, but it was not limited to these. The issue of empowerment came to be determined in environments such as the media and the girls' leadership school project itself. It can be concluded, then, that really deep social transformations can happen if collectivist feminists support each other and take risks for their rights, just as Nísia Floresta took the initiative for the right to education.

**KEY WORDS** Empowerment. Leadership School for Girls. Social changes. Education; Collective Feminism. Rights.

**INTRODUÇÃO**

Segundo o estudo do IBGE feito para o Dia Internacional da Mulher teve como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) de 2018. Ele mostra que a diferença entre carga horária diária trabalhada de homens e mulheres vem diminuindo.

<sup>1</sup> Formanda em Pedagogia. <sup>2</sup> Assistente Social e Doutora em Serviços Social. <sup>3</sup> Assistente Social e Pós Doc



“Verificamos isso todos os anos, essa diferença já foi de seis horas. É uma característica do mercado de trabalho, uma vez que isso indica apenas as horas nesse setor”, disse Adriana Beringuy. Entretanto, este resultado se deu muito mais por conta de uma redução na carga horária de trabalho dos homens. Em 2012, a diferença era de 6h, mas caiu em 2018 para cerca de 4h48min.

Adriana ressalta, no entanto, que a jornada apresentada na pesquisa não reflete de fato o que a mulher trabalha em todo o seu dia. “A menor jornada da mulher no mercado de trabalho está associada às horas dedicadas a outras atividades, como os afazeres domésticos e os cuidados com pessoas”, afirmou.

O conceito de empoderamento feminino está ligado a uma consciência coletiva por parte das mulheres e é constituído de ações tomadas por mulheres que não se deixam ser inferiorizadas pelo seu gênero e tomam atitudes que vão contra o machismo imposto pela sociedade.

A igualdade de direitos formal foi em parte realizada, não era suficiente para assegurar às mulheres direitos iguais na vida real, levando-se ainda em conta os problemas surgidos com a participação cada vez maior das mulheres na produção social (MONTENEGRO, 1981, p. 32).

No Brasil, o termo começou a ganhar força a partir da segunda década dos anos 2000, com a ascensão das redes sociais. E de lá para cá, também conquistou expressividade no mundo dos negócios.

A liderança feminina promove igualdade de gênero, oportunidades iguais, garantia de saúde, segurança e liberdade em cenários de violência e pleno controle da vida.

### **Justificativa**

A justa escolha do referido tema, deve-se as diversas mulheres empoderadas, que buscam seus direitos, com uma sociedade respeitável e igualitária. Mas não estamos falando somente de dar espaço para as mulheres na sociedade, porém também falamos de como é importante encorajá-las desde meninas a serem o que quiserem, a ter autoestima em diversos aspectos de suas vidas e a repassar esse suporte a outras mulheres que possam precisar. Lembrando-se que feminismo não é a justaposição de mulheres diante dos homens, mas uma igualdade. As mulheres querem melhores condições de trabalho com proporção nos salários, considerando a igualdade de gênero. As mulheres querem ser respeitadas em todos os espaços que



vivem, seja na sua casa, em uma oficina mecânica, dentro das escolas e outros.

### **Problematização**

- Igualdade de gênero e empoderamento feminino.
- Objetivo do empoderamento.
- O grande desafio das mulheres.
- Consonância entre o empoderamento liberal e o empoderamento social.
- Concepção do Banco Mundial para o empoderamento feminino.

### **Hipóteses**

- Consciência coletiva expressada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero.
- Possibilitarão para que as mulheres tenham acesso a todos os seus direitos, sem distinção em relação aos homens.
- As mulheres sempre iniciam sua jornada de trabalho, mesmo com a desigualdade, por meio da diferença de salários.
- Empoderamento é a ação social coletiva de participar de debates. Feminismo liberal refere-se ao movimento por direitos das mulheres pautadas na doutrina político-econômica do liberalismo.
- O Banco Mundial versa sobre alterações legislativas e novas políticas públicas a fim de garantir uma sociedade global mais justa entre os gêneros.

### **Objetivo Geral**

O objetivo desse projeto é aprofundar as respostas econômicas e sociais para garantir os direitos humanos das mulheres a uma vida digna e autônoma, e isso requer mobilização social.

### **Objetivos Específicos**

- É necessário aprimorar leis existentes e promover mudanças na economia, na política, nas estruturas familiares e sociais.
- Inserir o feminismo liberal ao movimento por direitos das mulheres pautadas da doutrina político-econômica do liberalismo.
- Permitir que as mulheres garantam empregos bem remunerados em tecnologia e outros setores desejáveis, bem como aumentar suas chances de acesso ao financiamento para iniciar seus próprios negócios.



- Observar se no local de trabalho há uma equidade entre homens e mulheres, se os salários são iguais para os mesmos postos de trabalho, se há mulheres

## **2. CAPITLO I**

### **CAMINHOS NO BRASIL**

A trajetória da mulher na educação brasileira nos últimos séculos é, para dizer pouco, extraordinária. De uma educação no lar para lar no período colonial, para participação tímida nas escolas públicas mistas do século XIX (19), depois uma presença significativa na docência do ensino primário, seguida de uma presença hoje majoritária em todos os níveis de escolaridade, bem como de uma expressiva participação na docência da educação superior. Embora os homens sejam maioria na população até os 20 anos de idade, as mulheres são maioria na escola a partir da quinta série do ensino fundamental, passando pelo ensino médio, graduação e pós-graduação.

É relevante que possamos entender o feminismo como um movimento plural e que como tal se adequa a realidades diferentes em contextos sociais diferentes, mesmo que mantendo uma vertente em comum. Falamos assim de feminismos e suas diversas definições reunindo mulheres pertencentes a situações econômicas, políticas e sociais distintas, para que assim como disse Schwarzer (1975, apud MONTENEGRO, 1985, p. 31)

Chama atenção o fato de mais mulheres do que homens ingressarem na universidade na faixa etária apropriada (18 a 24 anos). A menor presença de homens na graduação, apesar de serem a maioria na sociedade na fase do vestibular, parece indicar uma opção masculina precedente pelo mercado de trabalho. A maior presença de mulheres tanto na educação básica como na superior parece enviar dupla mensagem, uma boa e outra preocupante. A boa que o Brasil começar a liberar as energias criativas de uma população tradicionalmente educada para esfera privada. Uma das notícias preocupantes é que o desequilíbrio entre campus sociedade escancara o fato de que há muitos homens jovens deixando os bancos escolares cedo demais, por necessidade de contribuir com o sustento da família. Dados do PANAD/IBGE informam, que a renda familiar dos alunos do ensino médio é 2,3 vezes menor do que a renda familiar dos universitários de hoje. Com a conquista da universalização do acesso á educação básica, essas dificuldades só tendem aumentar.

A opressão de poder que se dava no âmbito privado não podia ser isolada de uma ação política pública mais abrangente: a luta por direitos de cidadania para todos, por exemplo. Assim, foram sendo organizados grupos de reflexão nos quais as mulheres compartilhavam suas agruras, eo que antes parecia um problema individual tornava-se coletivo. (SILVA; SILVA, 2009, p. 146)

O maior número de mulheres na escola e no campus, por si só, é insuficiente para dizer



sobre mudanças efetivas nas relações de gêneros que são socialmente construídas entre os sexos. Sabidamente, essas relações extrapolam a identificação de sexo por estarem imbricadas nas complexas relações de poder que marcam a nossa sociedade e que, por consequência, se expressam também nos conflitos e nas contradições da escola e do campus.

### **EM QUE ÉPOCA A MULHER TEVE ACESSO EDUCAÇÃO NO BRASIL**

A educação feminina no Brasil teve início com colégios particulares em meados de 1867 e foi 1880 que as mulheres puderam ingressar no sistema de ensino público. Somente em meados do século XIX que a participação das mulheres se iniciou, nos colégios destinados a mulheres em particulares e somente as meninas ricas tinham acesso.

O feminismo hoje pode ser entendido enquanto um movimento múltiplo, híbrido, globalmente disperso e culturalmente localizado. Em sua trajetória, percebemos a configuração de diferentes momentos e demandas de luta que incidem em configurá-lo enquanto uma vertente política e ideológica atenta às transformações estruturais e microespaciais da sociedade e da cultura (BRIGNOL; TOMAZETTI, 2015, p. 2.).

Segundo site blogueiras feministas durante 327 anos -de 1500 a 1827, a educação brasileira era permitida somente a homens. Mulheres brancas, negras, indígenas, ricas ou pobres, de qualquer faixa etária, eram proibidas de estudar. Alguns autores chegam até a dizer que a primeira tentativa pela instrução feminina partiu dos indígenas brasileiros.

A índia Catarina Paraguassu conseguiu trapacear essa regra. Diz-se que no dia 26 de março de 1561 ela escreveu uma carta de próprio cunho ao Pe.

“A década de 90 marca a virada das mulheres brasileiras, que ultrapassaram os homens em nível de escolarização. A proporção de pessoas analfabetas já é significativamente menor entre as mulheres do que entre os homens em todos os grupos com até 39 anos de idade. As mulheres também superaram os homens em número médio de anos de estudos e, nas salas de aula, reinam absolutas: 85% dos 1,6 milhão de professores da educação básica em todo o país são do sexo feminino”, diz um levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) do ano 2000. Nota -se que a importância da conquista do direito ao acesso à educação pelas mulheres, o Brasil mudou e muda a cada dia devido a esse aumento das mulheres nas cadeiras de escolas e universidades, mesmo que ainda haja muito o que avançar já é exposto as



melhorias que o país recebe por isso.

### **O QUE É SER MULHER NA EDUCAÇÃO.**

Transformações e horizontes, e nossa especialidade, e nos papéis fundamentais que elas têm nessa área que iremos nos deter. A história do reconhecimento do valor da mulher é recente e continua sendo escrita a cada dia.

[...] a maior força, mais importante e menos aparente do movimento feminista esteja na semente de questionamento e de reivindicação que surge na consciência das mulheres que, vivendo anonimamente o seu cotidiano, vêm tentando transformá-lo e recriar a sua relação com o mundo, com os conhecimentos, com os filhos, consigo mesmas (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 70).

Flavia Rosenberg, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, ao lançar um olhar sobre a desigualdade de oportunidades entre os gêneros comenta: “A educação sozinha não faz milagres e enquanto não houver creches para todas as famílias, não haverá mudanças estruturais na participação feminina no mercado de trabalho”.

Ela acrescenta "o currículo, os livros e a forma de educar reproduzem preconceitos que desvalorizam o papel feminino, o confinam no lar, a trabalhos e carreiras pouco valorizadas", apontando como a causa da maioria das mulheres escolherem as ciências humanas e os homens as áreas de exatas e tecnológicas.

Os aspectos femininos na educação apresentam avanços crescentes. Em vários países, as mulheres estudam mais e apresentam rendimentos melhores que dos homens, não somente no Brasil, onde 60% dos concluintes de cursos superiores são mulheres. No caso do Brasil, os salários das mulheres são 30% inferiores aos dos homens na mesma função, e elas ocupam apenas 56 das 594 cadeiras do Congresso Nacional.

### **3. CAPITULO II**

#### **QUAL A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO FEMINISTA.**

Não é anormal ouvirmos ou lermos comentários de que mulheres não podem fazer determinadas coisas por ser “coisa de meninos e não de meninas”. Somos, até mesmo, questionadas se nossos namorados ou esposos deixam que saíamos sozinhas com as amigas ou usando roupas curtas, como se, de alguma forma, fossemos propriedades dos homens e precisássemos da aprovação para fazer alguma coisa.

Segundo [Frans] Moonen, “na Sociologia o termo minoria normalmente é um conceito puramente quantitativo que se refere a um subgrupo de pessoas que ocupa



menos da metade da população total e que, dentro da sociedade, ocupa uma posição privilegiada, neutra ou marginal”. No aspecto antropológico, por sua vez, a ênfase é dada ao conteúdo qualitativo, referindo-se a subgrupos marginalizados, ou seja, minimizados socialmente no contexto nacional, podendo, inclusive, ser uma maioria em termos quantitativos.

Comum também ouvirmos comentários que justificam a violência contra a mulher, dizendo que “se apanhou é porque fez alguma coisa”, ou que a vítima de estupro é responsável pela violência sofrida. A vítima é julgada pelo tamanho de suas roupas, pela hora que ela estava andando sozinha na rua, enquanto o seu agressor é esquecido – e, apesar de ter cometido um crime, muitas vezes não é punido.

O início do movimento está ligado ao contexto da Revolução Francesa (1789) e do Iluminismo, no qual diversas pessoas – homens e mulheres – lutavam por princípio, como o de igualdade civil que inexistia em uma sociedade estamental, uma das marcas do Antigo Regime. Enquanto os homens conquistavam esses direitos as mulheres – que também participaram do movimento revolucionário – continuavam excluídas do processo e invisíveis no campo jurídico. Um bom exemplo é o de **Olímpia de Gouges** (1748-1793), símbolo do movimento feminista, que proclamou que as mulheres eram detentoras de direitos naturais idêntico ao dos homens, e por isso deveriam participar da construção desses novos direitos.

Quer dizer, o feminismo parte da premissa de que uma mulher não deve ser discriminada pelo simples fato de ser mulher, devendo ser respeitada em sua integridade física e psíquica. Para tanto, exige uma transformação social que modifique as relações entre homens e mulheres, ainda permeadas pela noção de violência, dominação e poder. Assim, a essência do feminismo é a (re)definição do gênero feminino, negando a identidade da mulher conforme definida pelos homens e pela família patriarcal<sup>4</sup> (CASTELLS, 2008, p. 211).

Com tudo até então, pode-se citar como uma coisa do corpo feminino em inúmeras propagandas, onde a mulher está ali como um objeto para agradar e satisfazer o homem. Não só isso: desde meninas, somos levadas a acreditar pelos filmes e contos de fadas que uma mulher só estará completamente realizada se ela se casar e tiver filhos.

Até o dia 26 de dezembro de 1977, as mulheres permaneciam legalmente presas aos casamentos, mesmo que fossem infelizes. Somente a partir da Lei nº 6.515/1977 é que o divórcio se tornou uma opção legal no Brasil. Porém, é importante



ressaltar que anos após a validação da lei, as mulheres divorciadas permaneceram vistas com maus olhos pela sociedade. Essa pressão social fez muitas mulheres optarem por casamentos infelizes e abusivos em vez de pedirem o divórcio.

1985 – É criada a primeira Delegacia da Mulher.

1988 – A Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens.

2002 – “Falta da virgindade” deixa de ser causa para anulação de casamento.

Imagine só, apenas no início do século XXI é que o Código Civil Brasileiro extinguiu o artigo que permitia que um homem solicitasse a anulação do seu casamento caso descobrisse que a esposa não era virgem antes do matrimônio. Até este momento, a não virgindade feminina era utilizada como argumento judicial para anular casamentos.

Dessa forma, não podemos ignorar a importância do feminismo na atualidade, ao contrário do que muitos pensam, o feminismo não é oposto do machismo. O feminismo acarreta a equidade de gêneros, gera uma sociedade onde mulheres e homens tenham, de fato, os mesmos direitos.

### **EMPODERAMENTO FEMININO: PROPOSTAS E AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO**

A contenda das mulheres vêm de longa data. Se pararmos para pensar, o dia 8 de março foi consagrado internacionalmente pela ONU (Organização das Nações Unidas) apenas em 1975.

Por intermédio de uma variedade de práticas de auto-identificação, mulheres de diferentes origens e com objetivos diversos, porém compartilhando uma mesma fonte de opressão que as definia sob uma perspectiva externa a elas próprias, construíram para si, através do feminismo, uma identidade nova e coletiva (CASTELLS, 2008, p. 220).

Isto é, são pouco mais de quarenta anos que a luta feminina por melhores condições de trabalho, direitos políticos e sociais foi notada e reconhecida. No entanto, o caminho ainda está sendo trilhado e há muito que conquistar. Nessa busca, os projetos sociais para mulheres surgem como incentivo e uma maneira de tornar a luta feminina ainda mais viva e forte.

Conheça alguns exemplos importantes de proposta para o empoderamento feminino;





Criado em 2011, por uma iniciativa do Walmart, o Movimento Mulher 360 visa contribuir para o empoderamento econômico feminino. Para isso, seu foco é a promoção da equidade de gênero e o crescimento da participação das mulheres no meio corporativo.

Durante os primeiros séculos da Idade Média, as mulheres gozavam de alguns direitos, como de propriedade e de sucessão, podendo exercer a maioria das profissões. No entanto, essa participação da mulher não lhe conferia prestígio social, pois nesta época o trabalho não era instrumento de ascensão social, já que o poder era monopólio do clero e da nobreza, e se baseava na ascensão espiritual e na posse de terras. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 16-20).

Se tornando uma associação independente sem fins lucrativos em 2015, o MM360 busca engajar empresas para trabalharem seu público interno feminino e, gradativamente, expandir suas ações para as comunidades e cadeias de suprimentos. Hoje, o movimento tem como sócio-fundadoras empresas como Natura, Unilever, Coca-Cola, Bombril, entre outras.

### **3.2.2. Mulher do Brasil**

Presidido pela empresária Luiza Helena Trajano (Magazine Luiza), o Mulheres do Brasil é um grupo suprapartidário que tem como objetivo gerar impacto social. O foco é conquistar e garantir direitos iguais ao público feminino em campos como saúde, educação, segurança e trabalho.

Com mais de 25.500 participantes, o Mulheres do Brasil possui 18 comitês e 46 núcleos que estão espalhados não apenas no nosso país, mas em diversas partes do mundo.

### **3.2.3 Fundo ELAS**

Fundado no ano 2000, o Fundo ELAS é um fundo de investimento social que tem como foco de atuação a promoção e o fortalecimento do protagonismo e da liderança feminina, bem como fazer valer os seus direitos. Para alcançar esse propósito, o Fundo ELAS investe em mulheres com o apoio financeiro de doadores e empresas parceiras como o Instituto AVON, o Instituto Unibanco e outras. A atuação do fundo, além de nacional, se expande por redes latino-americanas e internacionais, permitindo atender meninas, jovens e mulheres de diferentes partes do mundo.

## **O FEMINISMO NA SUA CONTEMPORANEIDADE**

O feminismo passou por uma longa jornada para alcançar seus objetivos. Algumas



mulheres mais novas, não fazem a mínima ideia de quantas batalhas foram travadas até chegar ao ponto, por exemplo, da mulher conseguir o direito de trabalhar fora de casa. Se pensarmos nos dias de hoje, isso é um verdadeiro absurdo, uma coisa surreal.

Na atualidade, uma das principais pautas do movimento feminista refere-se à questão da sexualidade e violência, ou seja, ao controle e limitação da sexualidade feminina por meio de tabus e proibições, como por exemplo a questão da virgindade e da castidade. O feminismo reivindica a autodeterminação das mulheres sobre seus próprios corpos, em relação ao exercício da sexualidade, da procriação, da contracepção, bem como a desvinculação da sexualidade com a função biológica da reprodução, exigindo o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 59-61).

A perspectiva do feminismo vai além das questões relacionadas ao gênero feminino. Ergue a bandeira, por exemplo, contra o capitalismo e lutam pelos direitos das comunidades indígenas.

É bem capaz de você ter já ter visto manifestações onde as mulheres ficam de topless, usam o corpo como forma de expressão. E isso foi a forma encontrada para chamar a atenção sobre vários pontos, fazendo com que a sociedade pare e reflita. Vale lembrar que uma das frases típicas do movimento feminista é: “Meu corpo me pertence”.

Por isso as principais reivindicações feministas são:

- Contra a violência doméstica;
- Contra o abuso sexual;
- A favor do direito ao aborto;
- Por direitos iguais.

Uma questão muitas vezes levantada é: as reivindicações continuam as mesmas porque os problemas ainda existem. Então, a luta continua! Para a nova geração de militantes, as redes sociais estão sendo uma ótima ferramenta de divulgação. Usam o Facebook, o Twitter e o Instagram para mobilizar e conscientizar mais e mais mulheres.

Atualmente, existem muitos grupos feministas, mas divergem entre si em alguns aspectos, como por exemplo, o uso de topless como forma de protesto. Nesse momento, uma das militantes afirma que: “a unidade só beneficia o movimento. Por isso, devemos buscar os pontos de convergência e não deixar que as diferenças nos enfraqueçam” (Carolina Peterli – Marcha Mundial das Mulheres).

Então, mesmo passado 70 anos, as mulheres ainda reivindicam seus direitos e muitos preconceitos ainda precisam ser derrubados, por isso a importância do feminismo ainda é bem atual.

“Toda vez que uma mulher se defende, sem nem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão, ela defende todas as mulheres.” “Você pode encontrar muitas derrotas, mas você não pode se deixar derrotar.”-Maya Angelou



Consoante Aronovich (2011, p. 125) a mídia, tal e qual a maior parte da sociedade, costuma ver as mulheres ora como objetos de decoração, ora como seres maternais. Esses são os únicos papéis que as mulheres devem exercer: ser bonitas (ou seja, estar dentro de padrão de beleza branco e magro) para sempre, e/ou ter filhos. Pode-se constatar a fixação que a mídia tem por essas duas “missões de vida”, sempre que uma mulher com alguma profissão não convencional (policia, pedreira, cirurgiã etc.) é retratada, pois em qualquer reportagem sobre ela, alguns parágrafos serão dedicados à vaidade da entrevistada ou aos seus filhos.

#### **4. CAPITULO III**

##### **O MOVIMENTO FEMINISTA E A FORMAÇÃO DE ACADEMICAS**

No Brasil, o “assumir essa postura incômoda”, o movimento feminista, teve início no século XIX, o que chamamos de primeira onda. Nesta, as reivindicações eram voltadas para assuntos como o direito ao voto e à vida pública. Em 1917, Nísia Floresta, que ao lado de Bertha Luz é considerada pioneira no feminismo brasileiro, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tinha como objetivo lutar pelo sufrágio feminino e o direito ao trabalho sem a autorização do marido.

“Se cada homem (...) fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso , (...) reger uma casa , servir, obedecer e aprazer aos nossos amos , isto é, a eles homens.”-Nisia Floresta.

A segunda onda teve início nos anos 70 num momento de crise da democracia. Além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, o direito ao prazer, contra a violência sexual, também lutou contra a ditadura militar. O primeiro grupo que se tem notícia foi formado em 1972, sobretudo por professoras universitárias. Em 1975 formou-se o Movimento Feminino pela Anistia. No mesmo ano surge o jornal Brasil Mulher, editado primeiramente no Paraná e depois transferido para a capital paulista e que circulou até 1980. Na terceira onda, que teve início da década de 90, começou-se a discutir os paradigmas estabelecidos nas outras ondas, colocando em discussão a micropolítica. Apesar de que, as mulheres negras estadunidenses, como Beverly Fisher, já na década de 70, começaram a denunciar a invisibilidade das mulheres negras dentro da pauta de reivindicação do movimento. No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força no fim dessa década, começo da de 80, lutando para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos. A relação entre política e representação é uma das mais importantes no que diz respeito à garantia de direitos para



as mulheres e é justamente por isso que é necessário rever e questionar quem são esses sujeitos que o feminismo estaria representando. Se a universalização da categoria mulheres não for combatida, o feminismo continuará deixando de fora diversas outras mulheres e alimentando assim as estruturas de poder.

### **MULHER E LITERATURA: O AUMENTO DA VISIBILIDADE DA LITERATURA DE MULHERES**

A literatura é um espaço majoritariamente masculino e, obviamente, isso não acontece por que os homens tenham mais capacidade, repertório e melhores histórias para escrever do que as mulheres. Por muito tempo, o impacto de pressões socioculturais decretava que as mulheres se dedicassem exclusivamente ao lar. Portanto, uma mulher que ousasse ter uma atividade intelectual estava cometendo uma séria transgressão. Até o começo do século XX, por exemplo, as que se atrevessem a publicar livros usando seus próprios nomes eram severamente criticadas, pois estavam extrapolando o papel a elas designado. Em uma triste comparação, podemos falar de Emily Brontë, que lançou o clássico *O Morro dos Ventos Uivantes* em 1847, e de J.K. Rowling, que lançou o primeiro livro da série *Harry Potter* em 1997. Com 150 anos que separam a publicação dos dois livros, as duas escritoras inglesas usaram pseudônimos masculinos para suas obras. Brontë assinava como Ellis Bell, pois na época mulheres não podiam ser escritoras e Joanne Rowling (o K é uma homenagem a sua avó, Kathleen?), um século e meio depois, foi aconselhada por seus editores a adotar a abreviação “J. K.” por acreditarem que o público não leria o livro se soubesse que havia sido escrito por uma mulher. É fácil constatar esta realidade também através da análise de algumas das principais premiações e eventos literários do mundo: o prêmio Nobel de Literatura, por exemplo, existe desde 1901, mas só foi concedido a 14 mulheres em sua história; a Flip, Festa Literária de Paraty, já teve 16 edições e entre os escritores convidados, o número de homens é muito maior ao de mulheres; a Academia Brasileira de Letras tem 40 membros, mas apenas cinco mulheres. No entanto, assim como em todas as outras esferas sociais, na literatura as mulheres também ocupam seu espaço cada vez mais. Escritoras como Mary Shelley, Virginia Woolf, Agatha Christie, Simone de Beauvoir e Florbela Espanca abriram passagem para que, no mundo, outras também pudessem disseminar seus anseios e vivências através dos livros. No Brasil, o caminho foi trilhado por nomes como Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Carolina de Jesus, Ruth Guimarães, Clarice Lispector, Zélia Gattai, Cora Coralina, Lygia Fagundes Telles, Ana Maria Machado entre outros tantos.



É inquestionável: a presença de mulheres na literatura é tão fundamental quanto em outras tantas áreas em que o feminino ganhou representatividade ao longo dos tempos. Hoje em dia existe um grande número de escritoras que conquistaram sucesso arrebatador com livros das mais diferentes temáticas e para variados públicos. Bons exemplos são Alice Munro, vencedora do Nobel de Literatura em 2013, a própria J. K. Rowling, que mesmo após ter sua real identidade descoberta, encantou crianças, adolescentes e jovens com seu mundo de seres mágicos, Stephenie Meyer, autora de Crepúsculo, que fez adolescentes e jovens suspirarem por vampiros e E. L. James, escritora de Cinquenta Tons de Cinza, que tirou o fôlego do público adulto com seus protagonistas intensamente apaixonados.

“Toda dominação pessoal, psicológica, social e institucionalizada nessa terra pode ser remetida a uma mesma fonte original: as identidades fálicas dos homens.”

**Andrea Dworkin**

## **COMO É VISTO ATUALMENTE SER SUBORDINADO A MULHERES DE CARREIRAS**

Durante anos a mulher vem marcando a sociedade com sua perseverança a fim de conquistar seu lugar no mercado de trabalho. Passou por grandes obstáculos, entretanto, atualmente, recompensada pelo esforço de décadas a mulher, teve seus direitos garantidos, tornando – se mais simples a sua inserção no mercado de trabalho, conseguindo fazer valer seus direitos trabalhistas diante da sociedade que até então fora dominada pela força masculina. No Brasil, a realidade não poderia ser diferente: poucas são as mulheres que ocupam a posição de CEO, diretora de *board* ou mesmo executiva de segunda ou terceira linha. Apenas 4,5% dos diretores de *board* de empresas brasileiras são mulheres - a média em países emergentes é de 7,2% (**GMI RATINGS, 2012**). Além disso, em 2016, o Brasil ficou com o 85º lugar no índice de desigualdade de gênero (IDG), na comparação entre 159 países, ficando bem atrás da Bolívia (65º) e da Nicarágua (50º), que melhoraram seu IDG nos últimos 10 anos (**BBC BRASIL, 2016**). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2016, mostrou que, na população ocupada com mais de 16 anos, as mulheres dedicam 20,3 horas semanais na jornada doméstica, enquanto os homens gastam apenas 10 horas - outro fator que tem impacto direto na trajetória da mulher como profissional. A dificuldade de chefiar das mulheres é uma realidade, há constante questionamento, teste e preconceito. Para uma mulher, gerenciar homens, principalmente os mais velhos, pode ser um desafio, não é algo comum e as pessoas ainda não estão acostumadas a esse tipo de relacionamento. Por esse motivo, quando as pessoas se deparam com tal situação, elas podem agir com estranheza e não ser tão receptivas ou respeitosas. Ainda que de forma tardia, as mulheres já tiveram



conquistas importantes ao longo dos últimos anos. **Em 1943**, as mulheres comemoraram alguns avanços com a edição de normas protetivas ao público feminino. Isso ocorreu com a promulgação da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), que solidifica todas as matérias relativas ao trabalho, incluindo a **atividade empregatícia da mulher**. As mulheres, aqui no Brasil, passaram a participar mais do mercado nas últimas décadas e o número de trabalhadoras com a carteira de trabalho assinada dobrou. Mas só isso não basta: as posições ocupadas e o salário não evoluíram junto com esse número, havendo, ainda, uma diferença absurda entre homens e mulheres nesse contexto.

O IBGE levantou, inclusive, um dado que comprova a jornada dupla das mulheres: enquanto os homens gastam cerca de 10,9 por semana nas atividades em casa, elas gastam 21,3. (*É quase o dobro!*).

## **METODOLOGIA**

O presente projeto tem como estudo o tema **EMPODERAMENTO SOCIAL FEMININO**. O estudo foi desenvolvido na área de atuação educação. A etapa de pesquisa foi estudo de caso.

Dividida em etapas de pesquisa e coleta de dados e desenvolvimento da pesquisa, por fim o texto de fundamentação teórica será o início, meio e fim do projeto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desse trabalho, buscamos demonstrar que o ato de conceder o poder de participação social as mulheres, garantindo que possam estar cientes sobre a luta pelos seus direitos, como a total igualdade de gêneros, por exemplo. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres, para que, combata o machismo imposto pela sociedade. Pela tese do empoderamento liberal, o conceito estaria sendo ligado às noções de integração, participação, identidade, individualidade e desenvolvimento, ao passo que estas compreensões se afastem das referências mais radicais e que abordam empoderamento como liberdade através da ação social. Em contraste ao empoderamento na perspectiva liberal, há o empoderamento para o livramento, onde as relações de poder são tidas como ponto principal e, desta maneira, o empoderamento das mulheres é tido como eficiência gradativa em que a mulher conquista sua autonomia e passa a lutar coletivamente para desmontar as estruturas patriarcais. É de grande importância destacar que a abordagem citada dá a devida ênfase às redes de apoio e movimento das mulheres e suas ações coletivas, porém sem negligenciar o processo de empoderamento pessoal de caráter autônomo. Além do



mais, os feminismos estão utilizando-se do vocábulo empoderamento em detrimento do termo poder cruamente por uma série de razões que serão citadas: a capacidade não pode ser medida pelo gênero; a igualdade e a união valem mais do que a dominação e foco nas oprimidas e não nos opressores.

### **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

**Andrade e dias, SAPIENS** [andreatoledo-journal-manager-empoderamento-feminino-conquistas-e-desafios- \(9\).pdf](#) , Revista de divulgação científica, Outubro 2019.

ARONOVICH, Lola. Mídia e mulher. In: SOUSA JUNIOR, José Geraldo; APOSTOLOVA, Bistra Stefanova; FONSECA, Lívia Gimenes Dias da (Orgs.). O Direito Achado na Rua, volume 5. Introdução Crítica ao Direito das Mulheres. Brasília: CEAD, FUB, 2011.

BLOGUEIRAS feministas: de olho na web e no mundo. [S.l], [201-]. Disponível em: . Acesso em: 20 MAIO. 2022.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.\_\_\_\_\_. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.2: O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

<https://blog.explicae.com.br/enem/movimento-feminista> ACESSO EM 31 DE MAIO DE 2022 AS 14:09

Itaquy,<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/2730/NISIA%20FLORESTA%20PDF.pdf?sequence=1> Bibliodigital, 2013